

**Pensamento Liminar e Emancipação na Personagem Tita,  
em *Como Água Para Chocolate***

**Border thinking and emancipation in the character Tita in *Like Water  
for Chocolate***

Maisa Barbosa da Silva Cordeiro\*

\*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campo Grande - MS, 79070-900,  
e-mail: maysa\_bdasilva@yahoo.com.br

**RESUMO:** Este trabalho verifica a construção do pensamento liminar e a emancipação do subalterno por meio da análise das atitudes da personagem Tita, de *Como água para chocolate* (1993). A protagonista, ao enfrentar uma tradição familiar em que a filha mais nova não pode se casar por ter de cuidar da mãe durante toda a vida, começa a desestabilizar a subjugação que rege a família, mantida por sua mãe, cujo nome na diegese é Mamãe Elena. Para cumprir tal proposta, serão utilizados, neste artigo, prioritariamente, o conceito de Walter Mignolo (2003) para “pensamento liminar” e o de “subalternidade” proposta por John Beverley (2004).

**PALAVRAS-CHAVE:** Pensamento liminar; subalternidade; emancipação.

**ABSTRACT:** This paper aims to discussing the construction of the border thinking and the emancipation of the subaltern by analyzing the attitudes of the protagonist Tita of *Like Water for Chocolate* (1993). Her, facing a family tradition in which the youngest daughter cannot marry because to have to take care of her mother for all her life, begins to destabilize the subjugation that rules the family, maintained by mother of Tita, whose name in diegese is Mama Elena.. With the objective of reaching the proposal of this paper, will be used the concept of Walter Mignolo (2003) for "border thinking" and of "subordination" proposed by John Beverley (2004).

**KEYWORDS:** Border thinking; subordination; emancipation.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objeto de análise deste artigo, o livro *Como água para chocolate* (1993), foi escrito pela mexicana Laura Esquivel e traduzido para o português por Olga Savary. Laura Esquivel nasceu em 1950, no seio de uma família católica. Iniciou sua carreira trabalhando com o público infantil, por meio da docência e da escrita de peças teatrais. Em 1989, publicou a primeira edição do romance *Como água para chocolate*, que foi adaptado por seu marido para o cinema, em 1993, devido ao sucesso da obra. A diegese

de *Como água para chocolate* tem como cenário de fundo a Revolução Zapatista, no México, nas primeiras décadas do século XX.

A narrativa desenrola-se em torno da cozinha. Além disso, cada um dos doze capítulos tem seu início marcado por uma receita. A culinária permeia, ainda, toda a trama da história, por ser a grande paixão da protagonista. A narrativa, tecida em um realismo mágico “[...] muito encontrado na América do Sul – o realismo mágico” (SASSER, 2010, p. 182, *tradução nossa*) característico da América Latina, inicia-se com o nascimento de Tita e se finda com a sua morte:

Uma descrição básica para o realismo mágico literário é a de um texto em que a magia ocorre sem explicações dentro de um mundo ficcional realista: o fenômeno sobrenatural é apresentado como algo coexistente, ainda que inesperadamente, com a realidade, e assim o leitor é guiado para a aceitação de sua existência dentro da narrativa (SASSER, 2010, p. 182, *tradução nossa*).

*Como água para chocolate*, narra em terceira pessoa, a história das mulheres da família La Garza. A personagem Tita é a protagonista que, ao confrontar uma tradição familiar em que a filha mais nova não pode se casar por ter de, obrigatoriamente, cuidar da mãe durante toda a vida, começa a desestabilizar a subjugação regida por Mamãe Elena.

O objetivo deste artigo é, neste sentido, observar como se constrói o “pensamento liminar” (MIGNOLO, 2003) e como ocorre a luta pela emancipação do sujeito “subalterno” (BEVERLEY, 2004) a partir das atitudes da personagem Tita. Para tanto, cinco momentos da obra serão analisados: o primeiro diz respeito ao próprio questionamento da personagem em relação a sua ausência de voz dentro de sua casa (ESQUIVEL, 1993, p. 9); o segundo, quando Tita pela primeira vez dirige-se a sua mãe impondo sua opinião (p. 82); o terceiro, momento em que Tita inicia sua libertação, quando se nega a falar durante um bom tempo (p. 97); o quarto, quando Tita consegue se voltar contra o fantasma da mãe (p. 164), e, finalmente, quando a personagem consegue romper a tradição que também iria atingir sua sobrinha (p. 176).

LIMINARIDADE, SUBALTERNIDADE E EMANCIPAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

O que a América Latina, enquanto território, lugar, está falando ao Outro? (NOLASCO, 2010, p. 65).

A epígrafe desta sessão apresenta um questionamento muito contemporâneo. Tem-se refletido cada vez mais acerca dos locais de atuação dos escritores e críticos literários latino-americanos. Apesar de essas discussões serem extremamente atuais, já em 1971<sup>1</sup>, no artigo “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Silviano Santiago apresenta uma ótima síntese desses possíveis locais: “Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão [...] se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana” (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Por meio do reconhecimento da necessidade de se refletir acerca do papel dos escritores e para reivindicar melhores condições para grupos sociais que se encontram em condição de subalternidade, a literatura traz representações que contribuem para o questionamento de relações entre grupos de dominação. Certamente, o objetivo é que essas denúncias não fiquem somente no plano da representação, mas que interfiram no modo de pensar e de agir dos sujeitos. Desse modo, a literatura pode ser um dos possíveis caminhos para a construção de relações sociais menos desiguais, ao favorecer a percepção, por parte do leitor, da existência de realidades plurais. Antonio Candido apresenta uma importante visão sobre a função humanizadora da literatura: “[...] A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p.180).

Deve-se ter em mente que é primordial refletir a respeito das imagens que são propagadas das nações latino-americanas, pelo fato de representações demasiadamente idealizadas contribuírem para a construção de estereótipos. Nesse sentido, “O escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para turismo cultural” (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Compreende-se, dessa forma, que as obras produzidas em contexto latino-americano têm uma função muito além de somente divulgar imagens positivas. De fato,

---

<sup>1</sup> Neste trabalho será utilizada a segunda edição da obra, publicada no ano de 2000.

tanto escritores literários que inserem mazelas específicas da América Latina, quanto pesquisadores que se proponham a investigar o modo de representação desses temas, devem ter como base a sua posição privilegiada para contribuir para o conhecimento e revisão dessas problemáticas. Nas palavras de Hugo Achugar: “[...] todo lugar de enunciação é, ao mesmo tempo, um lugar concreto, verdadeiro, e um lugar teórico desejado” (ACHUGAR, 2006, p. 19). Assim, é necessário ter consciência crítica em relação ao lócus de enunciação, mas sempre em busca de projetar a construção de um lugar melhor, “verdadeiro e imaginado, concreto e desejado, histórico e ficcional” (ACHUGAR, 2006, p. 19).

É necessário ressaltar que o conceito de subalternidade está longe de ter uma definição pacífica e estanque, ainda que Edgar Nolasco (2010, p. 65) apresente um modo para pensar ao discutir a etimologia do termo: “A palavra subalterno vem do latim ‘subalternus’, ou seja, aquele que depende de outrem: pessoa que é subordinada a outra”.

Devido ao crescente reconhecimento da importância de investigar questões relacionadas à subalternidade, diversos grupos de estudos vêm enfocando suas pesquisas nesse campo e, no que diz respeito especialmente à subalternidade característica da América Latina, destaca-se o “Grupo Subalternista Local”, que tem como fundador e principal representante o venezuelano John Beverley. Em sua obra *Subalternity and representation: arguments in cultural theory* (2004), Beverley discute o fato de que o principal foco de seu estudo não é conceituar ou definir o que seja o subalterno, mas problematizar como o subalterno vem sendo silenciado nas diferentes sociedades, como o outro busca impedir qualquer tentativa do subalterno de se impor teórica e discursivamente.

Para isso, Beverley (2004) aponta vários caminhos para a análise da representação do subalterno especificamente na América Latina. Dentre eles, o autor oferece a possibilidade de traçar uma análise que tenha enfoque exclusivo na subalternidade da mulher na América Latina: “[...] But even *in that* Latin America there remain: the problem of male chauvinism and the continuing subordination of women” (BEVERLEY, 2004, p. 19).

A questão da subalternidade da mulher apresentada por John Beverley deixa perceber que o termo “pensamento liminar”, abordado por Walter Mignolo em sua obra *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento* Volume 19  
Número 42

liminar (2003), é um importante caminho para refletir acerca da busca pela emancipação.

Grosso modo, o pensamento liminar pode ser entendido como o conhecimento e as atitudes produzidos por pessoas que se encontram em condição de subalternidade e passam a verificar, questionar, contestar e transformar essas condições para que possam tornar-se sujeitos de suas próprias histórias. Ao propor uma abordagem de pensamento liminar, Mignolo (2003, p. 102) ressalta não pretender, de modo algum, que ela seja unívoca, mas apenas uma opção que “[...] Emerge das histórias locais dos legados espanhóis na América”.

Ao recorrer a Mignolo (2003) para corroborar essa discussão, verifica-se que o pensamento liminar deve objetivar não apenas denúncias da subalternização ou do neocolonialismo, mas verificar em que medida os subalternos estão conseguindo propor os seus discursos: “[...] as macronarrativas são precisamente os lugares nos quais ‘um outro pensamento’ poderia ser implementado” (MIGNOLO, 2003, p. 106).

O pensamento liminar objetiva, dessa forma, a construção de um pensar crítico por parte dos indivíduos subalternos para que possam, primeiro, reconhecer a sua condição e, posteriormente, buscar sua emancipação. Com isso, busca descolonizar o pensamento, impregnado por imposições construídas no plano sócio-histórico-cultural. Pode ser abordado, dessa maneira, como “uma maneira de pensar que não é inspirada em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar; uma maneira de pensar que é universalmente marginal e fragmentária, não é etnocida” (MIGNOLO, 2003, p. 104).

As propostas de Mignolo muito se assemelham as de Silviano Santiago (2000) e Homi Bhabha (2003) quando tratam, respectivamente, do “entre-lugar” e do “terceiro espaço”. O conceito de “entre-lugar”, cunhado pelo brasileiro Silviano Santiago, em 1971, no artigo “O entre-lugar do discurso latino-americano” e mais tarde, retomado por Homi Bhabha em *O local da cultura* (2003), surgiu para refutar dicotomias como superioridade/inferioridade e também as ideias de unidade e pureza. Isso fez com que novos espaços fossem configurados. Bhabha, ao propor o terceiro espaço, busca propor a fragilidade de termos como fronteira, para discutir, assim como Santiago, que a suposta superioridade de uma cultura sobre a outra é inexistente e termos como unidade e pureza também deveriam ser deixados de lado, já que só dessa forma seria possível um diálogo coerente entre culturas distintas: “[...] Esses ‘entre-lugares’ fornecem o

terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade” (BHABHA, 2003, p. 19).

Por meio dessas reflexões, pode-se verificar que, como aponta Lynn Mário de Souza (2004), o ato da escrita deve ser compreendido como sendo sociodiscursivo, percebendo os sujeitos que escrevem como sendo fortemente influenciados pelo “contexto sócio-histórico e ideológico” (SOUZA, 2004, p. 118). A língua vai além da definição estanque saussuriana, permitindo que a produção literária seja percebida por meio do sociodiscursivismo pautado em Bakhtin. O próprio Mignolo traz, em seu texto, algo que contribui para essa compreensão, ao propor que se deve afastar “[...] da idéia de que a língua é um fato [...] em direção à idéia de que a fala e a escrita são estratégias para orientar e manipular os domínios sociais de interação” (2003, p. 309).

Por meio dessa discussão, para partir à análise da obra que propõe esse artigo, mais uma vez, o texto de Mignolo demonstra-se essencial: “[...] O pensamento liminar no horizonte colonial da modernidade poderia contribuir para a compreensão das heranças coloniais encravadas nos atuais conflitos culturais cotidianos e para o tratamento dessa questão” (2003, p. 320). Dessa forma, pensar o modo de representação de obras que tragam o mito, o folclore, costumes e temas cotidianos de uma comunidade subalternizada, é fundamental. Como a obra aqui abordada representa um costume imposto às mulheres no início do século XX, é extremamente singular para perceber como ocorre a reprodução do preconceito por meio de tradições que não permitem ao sujeito subalterno questionar o modo como é inferiorizado a partir disso.

## TITA E AS ESTRATÉGIAS PARA ALCANÇAR SUA EMANCIPAÇÃO

O texto literário de autoria feminina é então uma metonímia da saga das mulheres, também como uma ferramenta de alerta e denúncia onde há uma voz por detrás das letras (BARZOTTO, 2006, p. 4).

A literatura pode contribuir imensamente no processo de emancipação da mulher. Por meio das representações presentes no texto literário, de modo que torna-se possível que os sujeitos visualizem diferentes modos de organização social e, assim percebam, como o preconceito e subjugação estão presentes nas sociedades. Na obra aqui

analisada, a personagem Mamãe Elena busca, sempre, frear a contestação da filha Tita, por saber o quanto a “rebeldia” pode ser perigosa para a manutenção de seu poder.

No entanto, a constante vigilância de Mamãe Elena para manter todos na casa sob seu jugo não é um empecilho para que Tita desenvolva consciência crítica acerca da inferioridade que está em relação à mãe. Seu pensamento crítico, dessa forma, oferece dupla possibilidade: a de libertar o sujeito subalternizado e a de desconstruir um poder hegemônico: “Tais fases e pessoas podem ser muito criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou ser consideradas perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem” (TURNER, 1974, p. 5).

Sendo assim, a análise da obra tem como objetivo verificar o caminho trilhado pela protagonista para alcançar a sua emancipação. O primeiro momento em que este trabalho se deterá é no começo da narrativa, quando Tita não aceita o fato de não poder casar para cuidar da mãe devido a uma tradição que, segundo Mamãe Elena, “Nunca, por gerações e gerações, ninguém em minha família protestou” (ESQUIVEL, 1993, p. 8). A protagonista, no entanto, se apaixona por Pedro e a partir daí, irá se rebelar ante o costume familiar. Tita apresenta uma reflexão irônica acerca do costume da família, que permite verificar seu esclarecimento em relação à sua condição de subalternidade:

Por exemplo, gostaria muito de saber quem tinha iniciado esta tradição familiar. Seria bom que ela pudesse fazer esta engenhosa pessoa saber que seu plano perfeito para assegurar a velhice das mulheres tinha uma ligeira falha. Se Tita não podia casar-se nem ter filhos, quem cuidaria dela então quando chegasse a sua vez de ficar velha? (ESQUIVEL, 1993, p. 9).

Com efeito, a construção do pensamento liminar inicia, na obra, com os questionamentos da personagem em relação ao costume ao qual será submetida porque, como aponta Mignolo (2003, p. 102), o pensamento liminar é “uma maneira de pensar sem o outro”.

Mamãe Elena não permite que Tita e Pedro se casem, mas sugere a ele que se case com Rosaura, irmã de Tita e ele aceita. Pedro diz a Tita que aceitou apenas para ficar perto dela, mas Mamãe Elena não possibilita que os dois tenham momentos a sós. Apesar de haver ficado decepcionada com a mãe, a revolta de Tita em relação à tradição e ao casamento de Pedro com sua irmã Rosaura permanece, muito tempo, apenas em seu pensamento.

No entanto, após Pedro e Rosaura terem um filho, Roberto, ao qual Tita é extremamente apegada por amamentá-lo às escondidas, quando percebe que sua irmã não tem leite, Mamãe Elena percebe essa proximidade e ordena que Pedro, Rosaura e Roberto vão viver em San Antonio, no Texas. O menino, contudo, morre por não se adaptar à comida e Tita, pela primeira vez, expõe sua raiva para a mãe e a confronto, após ela não lhe permitir sequer chorar a morte do sobrinho:

Tita sentiu uma violenta agitação se apossando de seu ser: enfrentou firmemente o olhar da mãe enquanto acariciava o chouriço e depois, em lugar de lhe obedecer, pegou todos os chouriços que encontrou e os partiu em pedaços, gritando enlouquecida.  
– Olhe o que faço com as tuas ordens! Já me cansei! Cansei de lhe obedecer! (ESQUIVEL, 1993, p. 82).

Nota-se, neste trecho da obra, o segundo momento em que Tita caminha para sua libertação, já que pela primeira vez consegue se rebelar contra as imposições da mãe, é a primeira vez, portanto, que consegue ter uma atitude em relação a sua posição, iniciando sua revolta em relação ao poder dominador, produzindo “um outro pensamento”, sobre o qual Mignolo (2003, p. 104) menciona ser: “uma maneira de pensar que não inspirada em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar; uma maneira de pensar que é universalmente marginal, fragmentária e aberta”.

Para que ocorra a emancipação do sujeito subalterno, tanto Santiago quanto Bhabha defendem, de modo analógico, que pode ocorrer a “falsa obediência” (SANTIAGO, 2000, p. 16) ou a “civilidade dissimulada” (BHABHA, 1998, p. 257). Esses elementos são facilmente perceptíveis nas atitudes de Tita, fato que permite verificar que não concorda com as ordens maternas em relação ao modo severo de dirigir não apenas a casa, mas a vida das filhas. No entanto, passam a se transformar, de fato, em atitudes, no momento em que a mãe não permite que ela se case em nome da tradição. A “falsa obediência” ou “civilidade dissimulada” de Tita, então, passa a se transformar em atitudes efetivas.

Após o primeiro conflito com a mãe, Tita sobe para o pombal que há na casa e lá permanece, continuando sua atitude de desobediência. Chenchá, que trabalha na casa, ao ir buscar Tita, ela a encontra transfigurada. O choque que sofreu com a morte do sobrinho foi muito forte e Chenchá disse que ela estava louca. Mamãe Elena mandou, então, que chamassem o doutor Brown para levar a filha ao manicômio. Ao chegar, ele

“Encontrou Tita nua, com o nariz quebrado e cheia de sujeira de pombo em todo o corpo. Algumas penas tinham se colado em sua pele e em seu cabelo. Quando viu o doutor, correu para um canto e pôs-se em posição fetal” (ESQUIVEL, 1993, p. 83).

O doutor não a leva para o manicômio, mas para sua casa e a cuida. Tita se nega a falar, mas permanece na casa de Doutor Brown, quando se revela o principal momento para a emancipação de Tita. Brown a sugere que escreva, com fósforo, na parede, o motivo pelo qual ela não quer falar, mas ela não sabe que durante a noite, é possível ler:

– Não quero romper a lei do silêncio que se impôs; assim, como um segredo entre nós, vou pedir-lhe que quando eu saia você escreva na parede as razões pelas quais não fala, de acordo? Amanhã eu as adivinharei diante de você.

O doutor, é claro, omitiu dizer a Tita que uma das propriedades do fósforo era a de fazer brilhar de noite o que ela tivesse escrito na parede [...].

De noite, quando John entrou no laboratório, sorriu com prazer ao ver escrito na parede, com letras firmes e fosforescentes: ‘Porque não quero’ (ESQUIVEL, 1993, p. 97).

Nota-se ser este o principal momento para a emancipação de Tita por ela finalmente ter autonomia em escolher o que deseja fazer. Em seu caso, ficar apenas calada, decisão que John soube compreender que Tita havia “dado o primeiro passo em direção à liberdade” (ESQUIVEL, 1993, p. 97). Mais uma vez, recorre-se a Mignolo (1993, p. 106) para confirmar a importância do direito de escolha, que pode ser visto como necessário “[...] não para dizer a verdade em oposição às mentiras, mas para pensar de outra maneira, caminhar para ‘uma outra lógica’”.

O direito de escolha alcançado por Tita ganha ainda mais significação quando observa-se, em Beverley, uma reflexão sobre os estudos subalternos e sobre as relações de poder:

The term ‘subalternity’ refers to a condition of subordination brought about by colonization or other forms of economic, social, racial, linguistic and/or cultural dominance. Subaltern studies is, therefore, a study of power. Who has it and who does not? Who is gaining it and who is losing it? Power is intimately related to question of representation (BEVERLEY, 2004, quarta-capa).

Com efeito, Bhabha (2003) apresenta uma singular análise da questão do silêncio na obra *A história de meu filho*, na qual a personagem Aila, assim como Tita, se nega a falar “Entre o ato banal de liberdade e sua negação histórica surge o silêncio”

(BHABHA, 2003, p. 37). Do mesmo modo que a personagem Tita, Aila também se encontra em um espaço intervalar entre a dominação anterior e a liberdade que se descortina à frente de ambas, iniciando o ponto máximo da subversão de ambas. Bhabha (2003), ao citar Morrison, em outro momento, apresenta uma possibilidade de interpretação do silêncio de Aila e, no caso deste artigo, de Tita, quando menciona que as histórias de sofrimento não são histórias “[...] para passar adiante” (p. 42).

Em seguida ao acidente da mãe devido ao ataque que o rancho onde ela morava sofreu, Tita retornou a sua antiga casa e pôde reencontrar o amor de sua vida Pedro que, por sua vez, em uma festa, sofreu sérias queimaduras e passou a depender totalmente dos cuidados de Tita, que estava de casamento marcado com John. Pedro sente ciúmes e se sente no direito de fazer cobranças de Tita que dá um novo passo em direção à sua liberdade ao expressar sua mágoa em relação ao quanto Pedro havia sido fraco: “Pedro, você não é ninguém para me dizer o que tenho ou não de fazer. Quando se casou, não lhe pedi que não o fizesse, apesar deste casamento ter-me destruído. Você fez a sua vida, agora deixe-me fazer a minha em paz!” (ESQUIVEL, 1993, p. 122).

Outro momento em que a emancipação de Tita ganha fôlego é quando, devido ao fato de ela estar tendo visões da mãe já morta, sofre com essas aparições, principalmente devido à Mamãe Elena acusá-la de prejudicar a vida da irmã, Rosaura. No entanto, novamente movida pela raiva, Tita consegue, mais uma vez, expulsar a mãe de sua vida, em uma cena em que, após Pedro sofrer sérias queimaduras, Tita se desespera e mais uma vez a mãe aparece para atormentá-la. Motivada pelo desespero de ver o homem que ama com o corpo queimado e por não suportar mais as aparições da mãe, ela finalmente consegue se libertar:

– Já viste o que estás causando? Pedro e tu, uns desavergonhados. Se não queres que o sangue corra nesta casa, vai embora para onde não possas fazer dano a ninguém, antes que seja demasiado tarde.

– Quem deveria ir é a senhora. Já me cansei de que me atormente. Deixe-me em paz de uma vez por todas!

[...]

– Acho que sou o que sou! Uma pessoa que tem todo o direito de viver a vida como melhor lhe aprouver. Deixe-me de uma vez por todas, não a suportar mais! E ainda por cima a odeio, sempre a odiei!

Tita pronunciou as palavras mágicas para fazer desaparecer Mamãe Elena para sempre. A imponente imagem de sua mãe começou a diminuir até converter-se em uma diminuta luz (ESQUIVEL, 1993, p. 164).

Finalmente, por mais que a tradição tenha impedido que Tita vivesse seu grande amor de forma plena durante toda a sua vida, por meio de sua luta, ela pôde impedir que a tradição se perpetuasse para a filha da irmã, permitindo que ela se casasse e vivesse o amor que foi proibido à Tita. Rosaura, similarmente a Mamãe Elena, acreditava ser justo ter alguém para cuidá-la na velhice e Tita passa a confrontar a irmã, por não aceitar a imposição que ela quer passar à filha. Nota-se que o desejo da protagonista de impedir a continuidade era tão intenso, que não permitiu que seu nome fosse dado à sobrinha, como queria a irmã. Observa-se que sua emancipação é alcançada no momento em que consegue romper a tradição: “–Disso sim podes estar bem segura. Não vou permitir que envenenes tua filha com as idéias de tua cabeça doente. Nem vou deixar que arruínas a vida dela obrigando-a a seguir uma tradição estúpida” (ESQUIVEL, 1993, p. 176).

Como se vê, a obra caminha em uma direção semelhante à qual aponta Lúcia Zolin (2009, p. 5) ao mencionar obras que desconstróem o modelo feminino: “[...] concebido ideologicamente pelo patriarcalismo como um parâmetro a partir do qual executa deslocamentos semânticos, entendidos como o lugar da resistência que caracterizaria a arte em tempos pós-modernos, sobretudo, a literatura de autoria feminina”.

Percebe-se, enfim, que o pensamento liminar verificado na personagem Tita é muito mais amplo do que somente conseguir viver seu amor por Pedro. Se esse era o objetivo inicial, com o tempo transforma-se na busca para impedir a continuidade da tradição na família. Por meio dessa perspectiva, a luta da protagonista pode ser vista como uma metáfora da luta pela emancipação da mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em contexto latino-americano, torna-se primordial a reflexão acerca do pensamento liminar, principalmente porque a literatura aqui produzida traz essenciais representações das diversas manifestações culturais que, muitas vezes, inferiorizam sujeitos em nome de religiões ou costumes.

Com efeito, as atitudes de Tita ao longo da narrativa são imagens extremamente ricas para perceber o quanto a literatura pode ser um campo fértil para a desconstrução

de desigualdades de direitos. A luta inicial de Tita pelo amor de Pedro transforma-se ao longo da narrativa, tornando-se muito mais ampla e representativa, pois ela luta pela liberdade das mulheres de sua família. Desse modo, a garra de Tita pode ser vista como metáfora da persistência de muitas mulheres latino-americanas, que lutam constantemente pelo fim de tradições que, como a da narrativa, colocam a mulher em um papel inferiorizado.

Por meio desse pressuposto, percebe-se que a construção do pensamento liminar busca refletir criticamente sobre o ato de sujeitos subjugarem outros indivíduos. Analisar produções literárias que tenham como enfoque a representação de sujeitos que busquem se desvencilhar de costumes e tradições que os coloquem em um patamar inferior tem fortes relações pelo modo com que se estrutura também a política e economia, o pensamento liminar seria “máquina para descolonização intelectual e, portanto, para a descolonização política e econômica” (MIGNOLO, 2003, p.76).

A obra aqui abordada, sem dúvida, oferece várias outras passagens de igual importância que permitem a análise do pensamento liminar. Os momentos analisados buscaram apenas apresentar como a personagem se transformou ao longo da narrativa: se antes ela apenas questionava para si mesma o que considerava incoerente na tradição da família, pôde, por fim, libertar-se e romper a tradição. Dessa forma, as passagens estudadas apresentam uma construção do pensamento liminar na personagem Tita, que sempre teve consciência crítica de sua situação, mas que devido ao tempo e as situações que a ela eram impostas, conseguiu transformar seu modo de pensar em atitudes concretas.

## REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BARZOTTO, Leoné Astride. A intervenção da memória nas crônicas de Marina Colasanti. In: *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Londrina, V. 8, 2006. p. 1-11. Disponível em: <[http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol8/8\\_1.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol8/8_1.pdf)>. Acesso em: 3 dez. 2017.
- BEVERLEY, John. *Subalternity and representation: arguments in cultural theory*. Durham: Duke University Press, 2004
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 4. ed. Reorganizada pelo autor. São Paulo: Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- ESQUIVEL, Laura. *Como água para chocolate*. Tradução de Olga Savary. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario T. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamim (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempos, 2004. p. 113-133.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- NOLASCO, Edgar César. *BabeLocal: lugares das miúdas culturas*. Campo Grande: Life Editora, 2010.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.
- SASSER, Kim. The Magical Realist Case for “Benjamin Button”. In: T H E F. S COTT F ITZGERALD R EVIEW, VOL. 8, 2010 181. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1755-6333.2010.01043.x/pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2018
- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Coleção Antropologia. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- ZOLIN, Lucia Osana. Pós-modernidade e literatura de autoria feminina no brasil.. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. *17º COLE: é preciso transver o mundo*. Campinas: Unicamp, 2009. Disponível em: <[alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/.../COLE\\_1058.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/.../COLE_1058.pdf)>. Acesso em: 31 nov. 2017.

Data de recebimento: 24/01/2018  
Data de aprovação: 02/05/2018